

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

Resultados do n.º 166

Soluções:

Das palavras cruzadas — *Horizontais*: 1 — assaltante; 2 — acear; 3 — sacrilego; 4 — carro-abalo; 5 — aloés-rolar; 6 — mãe-are; 7 — à mira-Maria; 8 — saradar; 9 — saboarias; 10 — ameia; 11 — cloacário.

N. B. — Como as soluções horizontais determinam as verticais, apenas se indicam aquelas.

Dos problemas: N.º 2 — Vide gravuras que serão publicadas nas páginas privativas dos problemas recreativos dos números seguintes do Boletim.

N.º 3 — Quilómetros percorridos:

$$\sqrt{15800625} = 3975$$

Abono por quilómetro:

$$\frac{3975}{1000} = 3,975 = \$03,975.$$

A M. S., J. Carvalho e outros desenvolveram bem este problema. A L. Lopes não interessou.

N.º 4 — Eis a solução de L. Lopes: Como a soma da última letra ($A = 1$) com a 2.ª é igual a $\sqrt{44} = 21$, é a 2.ª = 20; a 2.ª é o dobro da 1.ª, logo esta é = 10; a 4.ª junta à última dá a 4.ª, será $4^{\text{a}} = 10 - 1 = 9$; a 3.ª é a diferença entre a 2.ª e a 4.ª, ou seja $20 - 9 = 11$.

Obtem-se, portanto:

$$\begin{array}{l} 1.^\circ = 10 \dots J \\ 2.^\circ = 20 \dots U \\ 3.^\circ = 11 \dots L \\ 4.^\circ = 9 \dots I \\ 5.^\circ = 1 \dots A \end{array} \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{O nome da mulher lê-se verticalmente.} \end{array} \right.$$

Não se conta no alfabeto com a letra «K». Como solução simples podia ser apresentada a de A. M. S., Fortuna e outras. A. Fernandes (Pôrto) não tem aparecido últimamente. São afazeres que o preocupam ou talvez a simplicidade dos passatempos que o não tenta.

E provável que as mesmas razões tenham afastado outros. Todavia aparecem, como compensação, novos colaboradores, e isso justifica de algum modo a orientação seguida.

Solucionistas: Brielga, Britabrantes, Dalotos, Mefistófeles, Elmintos, Cagliostro, Martins, Novata, Otrebla, Roldão, Veste-se, Gavião, Pacato, Profeta, Barrabás, Diabo Vermelho, Manelik, Preste João, Visconde de Cambolh, Visconde de la Morlière, Radamés, Costasilva, P. Rêgo, Sécora, Ignorante, Mediocre, Sabetudo, Fortuna, Sonâmbulo, Século X X, Matemático, Maquinista, 1001, Janistroques e Tiorba (Do problema n.º 4).

Aníbal P. Fernandes (Lisboa), A. M. S. (Pôrto) Sécora (Lisboa), Fortuna (Lisboa) (Dos N.ºs 2, 3 e 4).

L. Lopes (Entroncamento) (Dos N.ºs 2 e 4).

Manuel Domingos Mestre (Aljustrel), Joaquim de Carvalho (Campanhã), Ignorante, Mediocre, Sabetudo, Manuel Gonçalves (Lisboa), Colibri, Roussinol, Papafigo, Pardal, Pêga,

Gralha, Dom-Fafe, Milhafre, Phénix, Ávis-rara, Avestruz, Sonâmbulo, Século XX, Matemático, Maquinista, 1001, Janistroques, Tiorba, Sovina, Alavanca, Bastião Piloto, M 117 e Adivinho (Dos N.ºs 3 e 4).

* * *

O comprimento da escada: 1 — Sabendo-se que a inclinação mais favorável de uma escada lançada a um muro é de um quarto da sua altura, que comprimento deve ter uma escada para chegar a uma altura de 12 metros?

Manuel Domingos Mestre

(Assentador no Distrito n.º 223-A, Aljustrel)

* * *

A velocidade e o percurso: 2 — Um comboio partiu de uma estação e andou, durante uma hora, com a velocidade normal. Devido a avaria na máquina teve uma paragem onde perdeu 24 minutos. Retomou depois a marcha com a velocidade de seis quintos da velocidade normal, e chegou a destino com um atraso de 15 minutos.

Se a dita paragem tivesse tido lugar 10 quilómetros mais à frente, o comboio teria chegado a destino com mais dois minutos de atraso.

Qual era a velocidade normal do comboio e qual a distância percorrida?

Manuel Domingos Mestre

(Assentador no Distrito n.º 223-A, Aljustrel)

* * *

Indiscrição: 3 — Perguntar a uma senhora a sua idade é sempre uma questão melindrosa, embora se ponha em prática toda a diplomacia. O desaire é muitas vezes certo

Vejam o que aconteceu ao meu amigo Amílcar Costa, de Alfarelos, bom rapaz, mas que traz sempre afivelado ao rosto um risinho maroto. Querendo, por curiosidade, saber a idade de uma senhora das relações de sua esposa, a quem acabara de felicitar pelo dia do aniversário natalício, rematou as suas felicitações com esta observação: — «V. Ex.ª, em relação a sua mana que é uma flor em botão, poucas primaveras mais deve contar, pois não deixa de ser outro botão que acaba de desabrochar ao sol ridente de uma nova primavera».

— Muito obrigado pela gentileza, mas não sou tão nova como lhe pareço; tenho hoje o triplo da idade de minha irmã. Não fique estupefacto por isso, pois ainda lhe direi que quando eu tinha sete nonos da minha idade actual tinha sete vezes a idade dela.

Desconhecemos se o amigo Costa ficou sabendo ou não a sua idade. Sabemos apenas que fez um gesto imperceptível com a cabeça, como se tivesse compreendido que nem todas as ocasiões são oportunas para satisfazer certas curiosidades.

E agora aqui para nós: Não será fácil conhecer as idades que tinham?

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA CP



ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE

DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

Editor: Comercialista *Carlos Simões de Albuquerque*

DIRECTOR

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

ADMINISTRAÇÃO

LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

SUMÁRIO: Sinalização da estação de Rio Tinto. — Melhoramentos no Entroncamento. — Curiosidades do nosso tráfego. — Os grandes vultos da ciência. — Estatística. — Educação Física e Desportos. — Festival desportista. — Em viagem. — Consultas e Documentos. — A nossa casa. — Pessoal.

Sinalização da estação de Rio Tinto

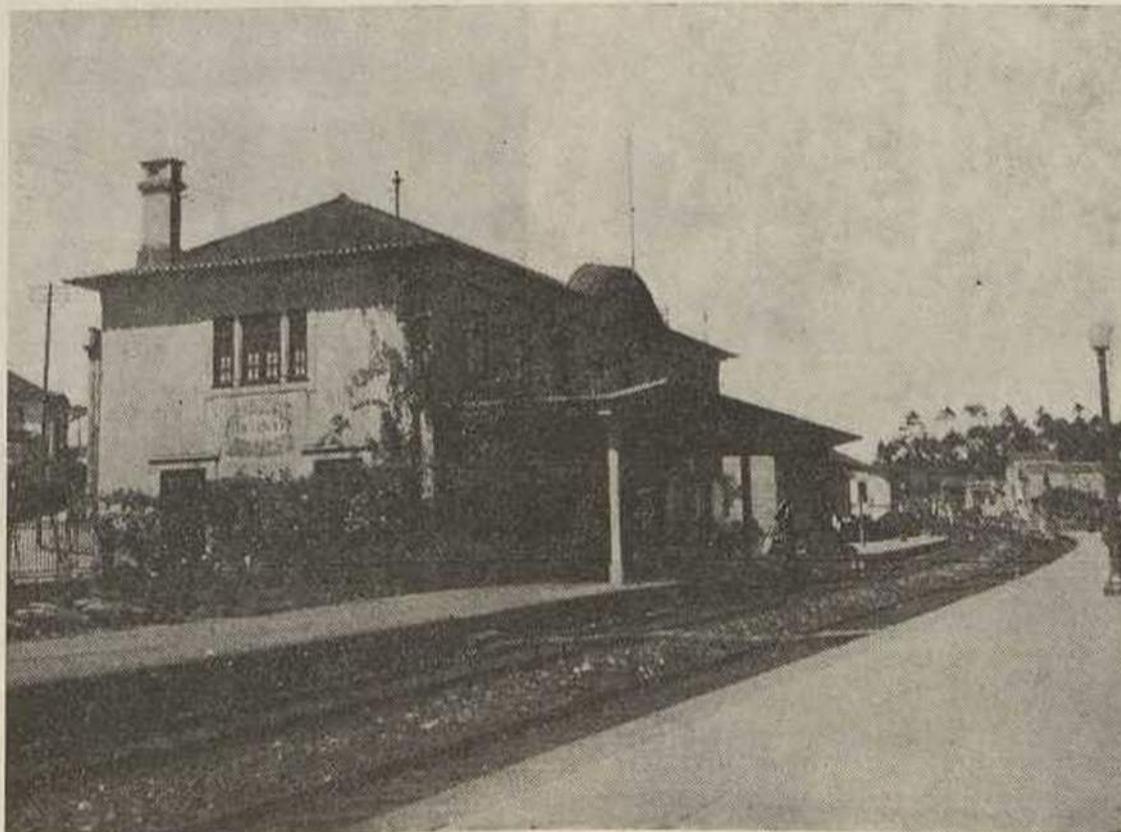
Pelo Sr. Eng.^o *Antônio de Mendonça*, das Telecomunicações da Via

Foi recebida definitivamente, em Maio do corrente ano, a sinalização eléctrica de Rio Tinto.

É mais uma estação, da rede explorada pela Companhia, dotada de aparelhagem moderna, garantindo a segurança do passageiro e do material e simplificando o trabalho dos agentes que têm a seu cargo a responsabilidade do movimento.

Desde a sua entrada em serviço, em Março de 1940, até agora, decorreu o prazo de garantia do contrato que terminou definitivamente, em virtude do material se ter comportado conforme as exigências estipuladas.

Esta sinalização é a segunda fornecida para Portugal pela casa sueca Ericson, tendo a primeira sido montada na



O edifício de passageiros da estação de Rio Tinto, visto do lado das linhas



Edifício de passageiros da estação de Rio Tinto: plataforma e respectivo alpendre.

estaçao de Ermezinde. Os seus encravamentos, únicamente eléctricos, não utilizam, como auxiliares, os meios mecânicos que aparecem nas instalações da Casa Siemens,



Central eléctrica

montadas em Pôrto, Campanhã, Pinhal Novo, Lisboa Rossio e Campolide, estas duas últimas ainda fora de exploração.

Observada no seu aspecto geral, consta a instalação das seguintes partes:— Aparelho central de comando, sala dos *relais*, central térmica de reserva e aparelhagem de via e sinais.

O aparelho central, instalado no gabinete do chefe da estação, de construção elegante, é formado por uma secretária metálica com alçado onde se encontram o quadro de vias e os dispositivos de manobra; estes são constituídos por simples botões, como os usados para accionar as campainhas eléctricas, que, premidos, vão manobrar uma agulha ou acender um sinal dentro das condições



O Chefe da estação junto do aparelho central do comando e quadro de vias

de segurança que regem a estação. E a posição dessa agulha ou a luz desse sinal, quando correctas na linha, são repetidas no



Sinal luminoso de saída e manobras

aparelho central por lâmpadas eléctricas que se iluminam. É interessante notar que este aparelho central foi construído no Pôrto por operários portugueses.

A sala dos *relais*, o cérebro da instalação, encerra a aparelhagem que tem a seu cargo actuar na segurança da estação, distribuindo a corrente eléctrica dentro de normas tão rigidamente certas, que explicam a sua existência na eliminação do erro próprio do cérebro humano.

Esses simples contactos, qual mundo lili-putiano, estão sempre dispostos a actuar desde que o homem os trate como se deve tratar a si próprio:—boa alimentação e muita higiene. Ao operador compete portanto fornecer-lhes a corrente racional que os anima e ao electricista cabe traze-los sempre limpos, não permitindo nêles, nem o mais leve vestígio de pó. A energia é normalmente fornecida pela rede eléctrica local.

Prevendo, porém, possíveis faltas de corrente, foi montada uma central eléctrica



Trecho do belo jardim anexo ao edifício de passageiros da estação de Rio Tinto

privativa. Encontra-se instalada num pequeno edifício ao topo da plataforma e consta de um grupo electrogéneo formado por um motor a gasolina e um alternador e de um quadro de distribuição com a aparelhagem de medidas e ligações. Neste edifício existe, também, uma oficina para trabalhos de urgência que não requeiram a intervenção da oficina de Alcântara, da Inspecção de Telecomunicações. A aparelhagem de via e os sinais são alimentados por uma rede complexa de cabos subterrâneos. Assim, para a montagem dessa rede, foram abertos 3.250 metros de vala onde se meteram 4.600 metros de cabo armado que 14.000 tejolos protegem contra qualquer pancada que possa surgir de trabalhos de via. Estes cabos contêm no interior vários condutores cujo número vai desde 37 a 2. Nesta conformidade, se juntassemos, topo a topo, todos esses condutores, eles prolongar-se-iam por uma extensão de 53 quilómetros.

Melhoramentos no Entroncamento

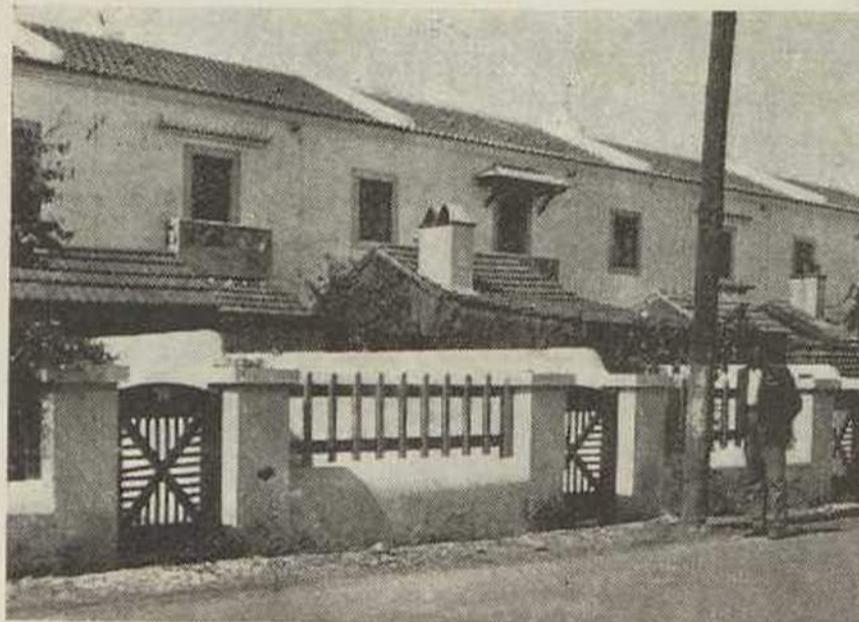
Pelo Sr. Manuel das Neves Periquito, Agente Técnico de engenharia, da Via e Obras

A estação de Entroncamento está em constante evolução e raro é o ano em que não há a assinalar importantes obras no afamado centro ferroviário da antiga rede da Companhia.

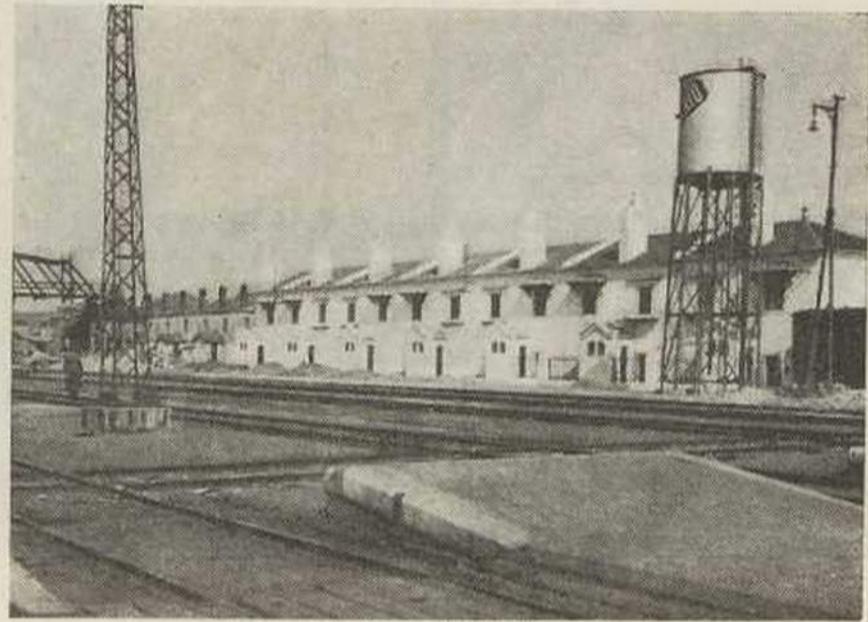
A povoação, a que o caminho de ferro deu

curso ainda no corrente, damos hoje à estampa algumas gravuras.

Representa uma das fotografias o importante apetrechamento com que o Depósito de Máquinas foi dotado: ponte rolante para fornecimento de carvão às locomotivas.



Modificação das casas de habitação do pessoal na rua de Latino Coelho. — Vista das fachadas, para a rua.

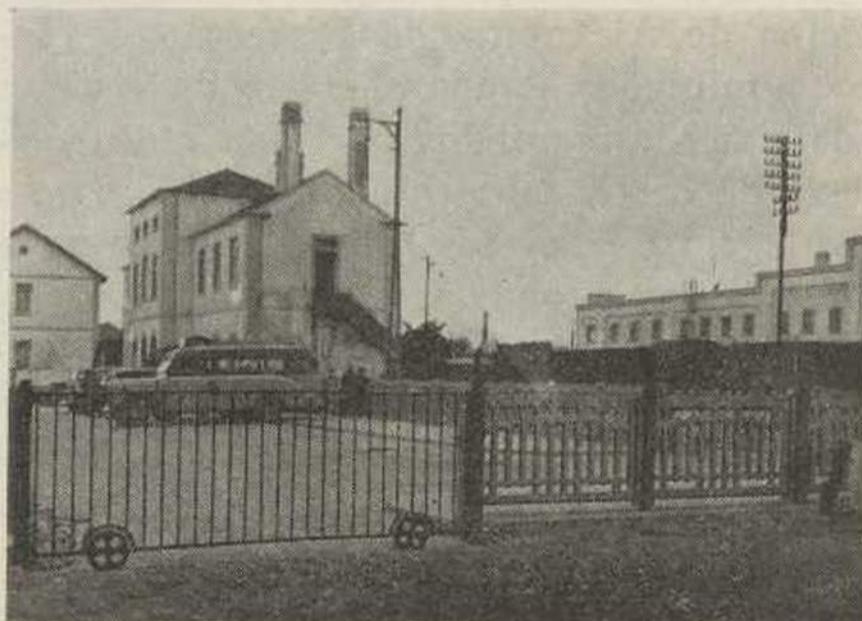


Modificação das casas de habitação do pessoal na rua de Latino Coelho. — Vista do tardez.

origem, segue também progressivo ritmo de engrandecimento, devido a dedicações dignas de registo, a que não são estranhas energias de ferroviários de mérito.

De obras acabadas no ano passado, ou em

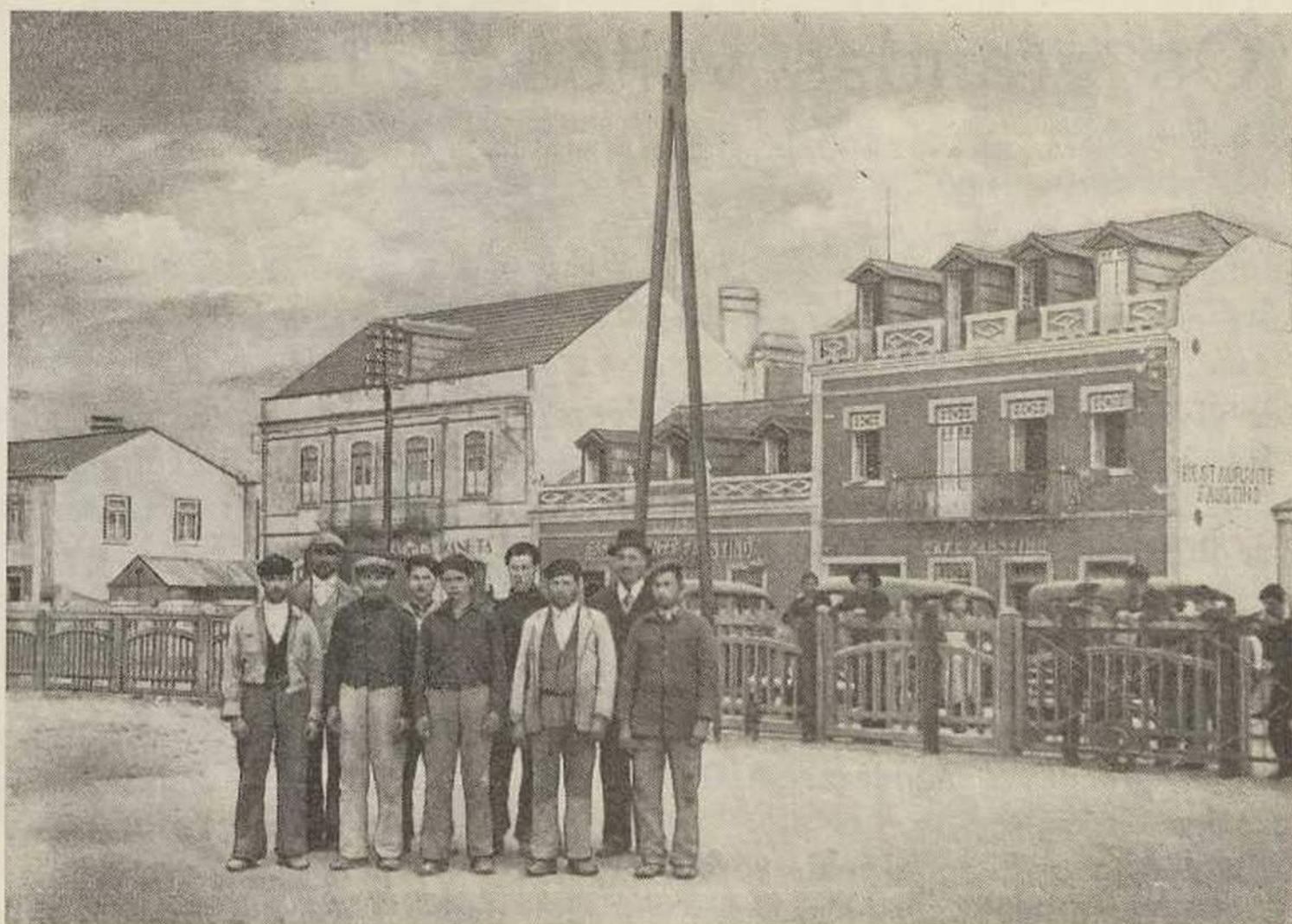
Duas outras fotografias mostram-nos aspectos da remodelação sofrida pelas habitações do pessoal junto da rua Latino Coelho. Por uma delas pode até fazer-se a comparação entre o que existia e o que ficará.



O largo da estação depois de ampliado. Pormenor da grade de vedação de formigão armado.



O pórtico (ponte rolante) para carga de carvão às locomotivas, no Entroncamento.



O pessoal que procedeu às obras de ampliação do «largo da estação». De aqui por alguns anos o aspecto deste local ha de ser certamente muito diferente e esta fotografia servirá para comparação.

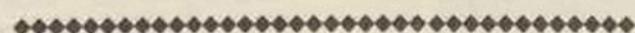
Com manifesto agrado de todos os habitantes deste importante centro ferroviário, fôram também concluídos os trabalhos de ampliação do largo da estação.

De facto, não fazia sentido que uma povoação, que deve exclusivamente a sua existência ao caminho de ferro, vivesse de costas voltadas para ele. A velha muralha de alvenaria, de quâsi três metros de altura, que mantinha tal separação, foi

substituída por singelos painéis de gradeamento de formigão armado.

O antigo largozito foi ampliado à custa dos terrenos onde assentavam as demolidas instalações do Armazém de Viveres.

Hoje, o «Largo da Estação», apresenta simpático aspecto moderno, harmônico com os tempos que vivemos, e empresta ao local ambiente de desafogo, que estava longe de possuir.



Curiosidades do nosso tráfego

Em 1942, o vinho tomou o terceiro lugar na lista das mercadorias mais movimentadas nas linhas da Rêde Geral, pois transportaram-se 246 milhares de toneladas.

Foi a estação de Régua que mais expedi — 21 milhares de toneladas — e a de Campanhã que mais recebeu — 38 milhares de toneladas.

Os grandes vultos da ciência

Pelo Sr. Vasco do Couto Lupi, Sub-Chefe do Serviço da Fiscalização e Estatística

III

Pitágoras

PARECE ter vivido entre os anos 569 e 470 antes de Cristo, este célebre filósofo e matemático da Antiga Grécia.

Atribui-se-lhe a promoção do importante movimento de idéias, de carácter religioso, moral e político, que a história veio a consagrar sob o nome de «Pitagorismo» e se afirmou, no seu inicio, pela constituição de uma seita que procurava apoderar-se do poder na Antiga Grécia.

Segundo a versão tradicional mais verossimil, Pitágoras era filho de pais gregos e nasceu em Samos, ilha do mar Egeu. Seu pai era gravador ou comerciante de pedras preciosas ou, talvez, ambas as coisas, o que lhe permitia levar vida desafogada.

A educação de Pitágoras teria podido ser confiada, pois, aos mestres mais afamados que, a par de uma educação física exemplar, lhe teriam ministrado apurada instrução do espírito.

Nessa época, Samos era uma das ilhas mais comerciais. Esta circunstância, e o facto do comércio ocupar também as actividades de seu pai, teriam favorecido a Pitágoras o poder manter-se, durante a adolescência, em contacto frequente com as cidades do litoral da Ásia Menor e do Egipto, efectuando repetidas viagens, consideradas, então, como um dos meios de educação mais eficazes.

Uma vez atingida a idade de se governar por seus próprios recursos, Pitágoras teria adquirido grande celebriidade; porém, na idade de 40 anos, era obrigado a abandonar a pátria, por motivos políticos. Ter-se-ia dirigido, então, para Crotona, cidade importantíssima, situada no golfo de Tarento, cujo desenvolvimento obscurecia as mais notáveis cidades do Oriente e se afirmava

verdadeiro empório da civilização e do comércio, no mar Mediterrâneo.

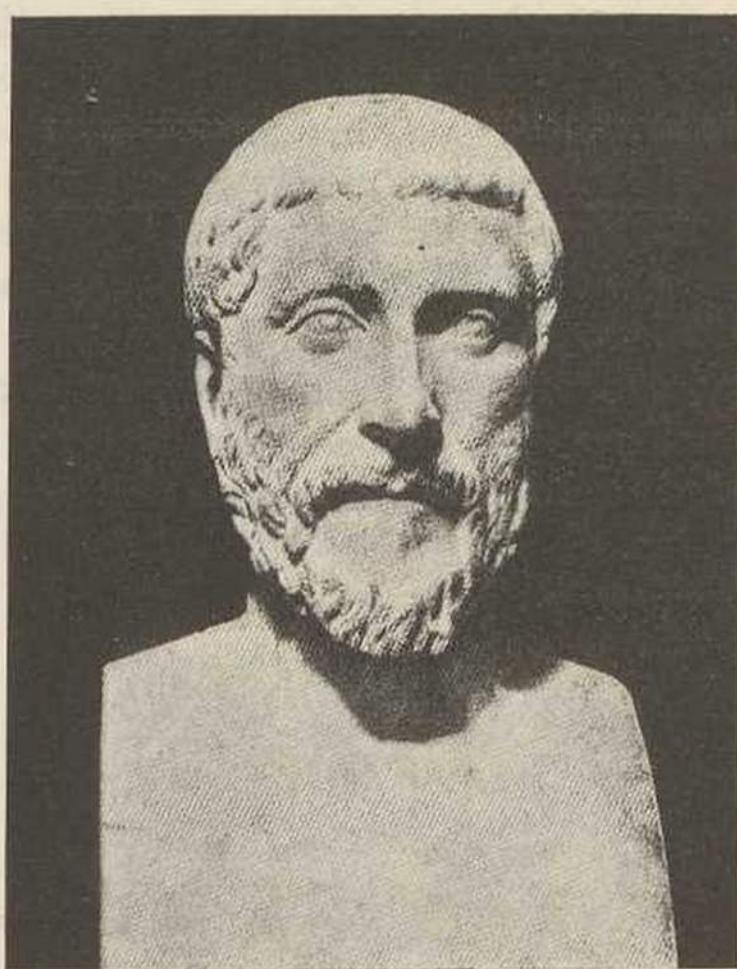
A influência de Pitágoras, nestas paragens, ter-se-ia feito sentir desde logo. Os seus eloquentes discursos atrairiam milhares de Crotonistas, aos quais preconizaria o abandono de todos os vícios e o subordinarem todos os actos a preceitos absolutamente morais. O homem, proclamaria, devia ser semelhante a Deus; atingir, numa palavra, a maior perfeição possível.

Em pouco tempo, a presença de Pitágoras teria determinado profundas modificações nos costumes do povo. O governo da cidade, até então de feição acentuadamente democrática, teria sido convertido em aristocrático, porque, sendo a moral e a ciência o caminho da perfeição humana, era preciso instituir o respeito pela autoridade científica e moral.

A fama de Pitágoras ter-se-ia espalhado rapidamente pelos povos vizinhos, não tardando a afluir a Crotona novos e numerosos discípulos provindos, quer da Antiga Grécia, quer da Sicília e da própria Roma.

Para consolidação e expansão dos seus propósitos, teria instituído, então, uma seita ou colégio pitagórico constituído pelos seus discípulos mais entusiastas, que deveriam abandonar todos os seus bens em proveito da colectividade e sujeitar-se a um regime de comunidade material e espiritual em que, a par de observarem rigorosas práticas religiosas impregnadas de misticismo, teriam de cumprir severas regras de abstinência e dispensar-se de todo e qualquer pensamento individual, só prevalecendo as doutrinas e a palavra do mestre.

Segundo Pitágoras, quase todas as manifestações da natureza eram representadas



Busto de Pitágoras (Museu Capitolino, Roma)

por números. O céu era um número. A alma era também um número; prisioneira do corpo, não morria com ele, transmigrava. O mundo era uma grande unidade constituída pelo conjunto de outras unidades e números subalternos. A ordem admirável que reina nos movimentos dos corpos celestes, obedecia às leis matemáticas dos acordes musicais.

A Pitágoras se atribue:—a invenção dos algarismos chamados árabes, que ficaram sendo universalmente utilizados, bem como a do sistema decimal e a da tábua de multiplicação, conhecida por «Tábua de Pitágoras»; o ensino do duplo movimento de rotação e translação da terra; a aplicação da aritmética à geometria, de que pode ser apresentado como manifestação típica o célebre «Teorema de Pitágoras»—*a área do quadrado, construído sobre a hipotenusa de um triângulo rectângulo, é igual à soma das áreas dos quadrados construídos sobre os catetos.*

Atribui-se-lhe, ainda, a invenção da palavra «filósofo».

Os gregos chamavam à sabedoria «sofia» e aos sábios «sofios». Pareceu a Pitágoras demasiado orgulhoso este nome, pelo que

tomou para si, simplesmente, o de «filo-sofo» que quer dizer, «amante da sabedoria».

Conta-se que tendo ido Pitágoras a Filíásia, falou larga e sábientemente com o rei de Leão e que este, admirado de tanta eloquência, lhe perguntou qual era a arte que professava. — Nenhuma arte conheço — respondeu Pitágoras — sou filósofo. — Estranhando o rei a novidade do nome, perguntou o que eram os filósofos e em que se diferenciavam dos outros homens; ao que Pitágoras respondeu:—A vida humana parece-me uma das assembleias que se reúnem, com grande aparato, nos jogos públicos na Grécia. Ali acodem, uns para ganhar o prémio com a sua robustez e destresa, outros para fazerm o seu negócio comprando e vendendo, outros, que são por certo os mais nobres, não buscam nem coroa nem lucro, assistem para vêr e observar o que se faz e de que modo. Assim é que nós consideramos os homens como vindos doutra vida e natureza a reúnirem-se na assembleia d'este mundo:—uns, andam atrás da glória, outros, do dinheiro, e são poucos os que se dedicam ao estudo da natureza das cousas,



Pitágoras ou a Aritmética, por Lucas de Robbia (Motivo ornamental da Duomo, Florença).

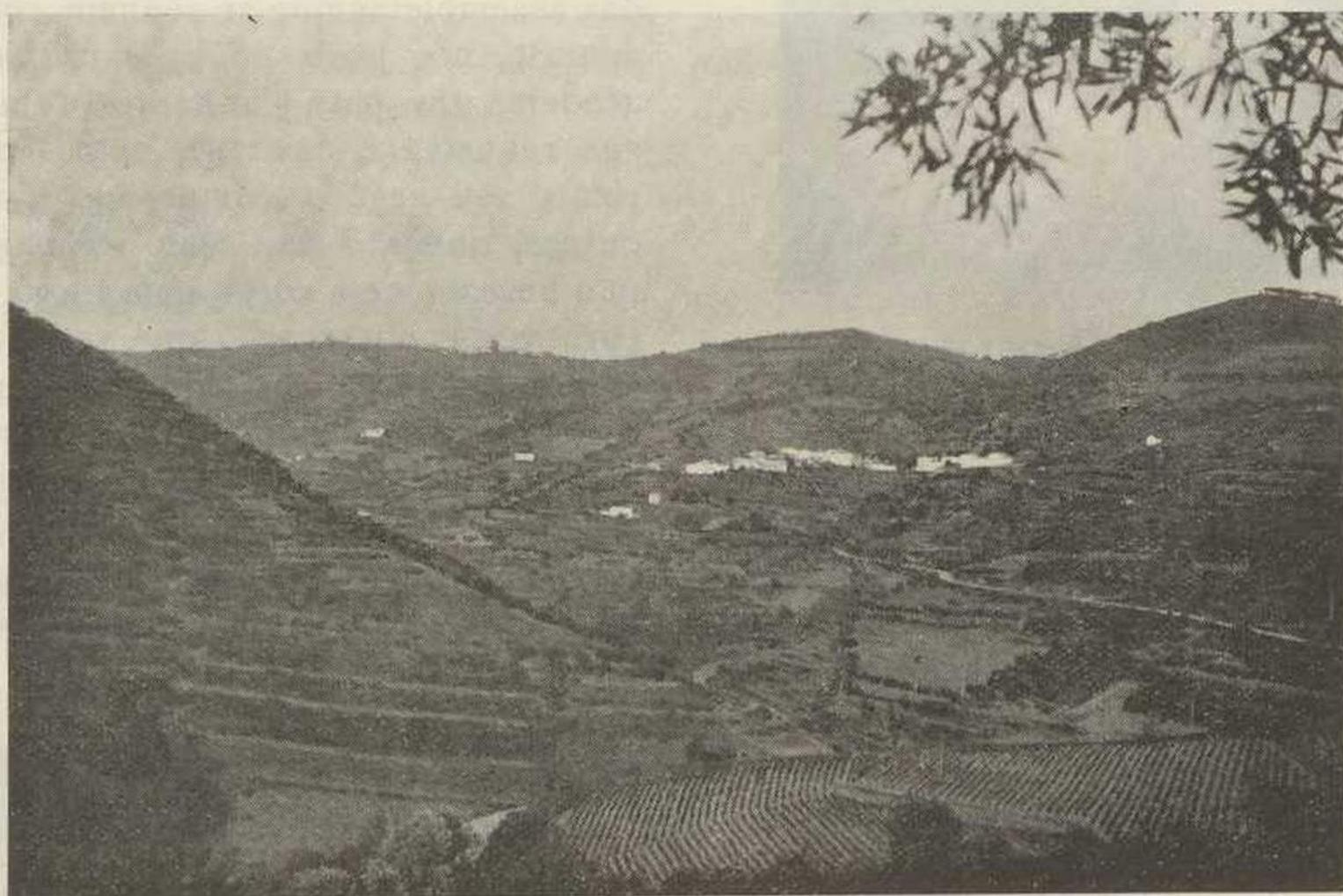
desprezando o resto. A estes poucos chamámos «filósofos» e, assim como na assembléia dos jogos públicos, representa um papel mais nobre o que nada adquire e só observa, cremos também que se avantaja muito às demais ocupações, a contemplação e o conhecimento das cousas —.

* * *

Nas doutrinas chamadas pitagóricas, é mister distinguir as que se supõe terem

sido preconizadas por Pitágoras e constituíram o «pitagorismo primitivo», das proclamadas no século V antes de Cristo pela escola de Filolau, seu discípulo, e ainda das instituídas pelas várias escolas ou seitas pitagóricas sobrevindas, ulteriormente, através dos séculos.

No presente artigo tentamos fazer, apenas, um pequeno esboço das doutrinas que se julga terem sido apregoadas pelo próprio Pitágoras.



Alto Douro — Aldeia do Concelho da Régua

Fotog. do Sr. António R. Coutinho, Encarregado da Contabilidade (Régua).

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial
no mês de Março de 1943

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8 ...	4.898	4.899	2.571	2.674	1.992	1.830
, , 9 > 15 ...	4.157	4.363	2.184	2.050	1.570	1.416
, , 16 > 22 ...	4.304	4.534	2.278	2.363	1.817	1.351
, , 23 > 31 ...	5.601	5.698	2.949	2.916	2.122	1.766
Total	18.960	19.484	9.982	10.005	7.501	6.363
Total do mês anterior	16.853	17.483	8.351	8.880	6.717	5.734
Diferenças ...	+ 2.107	+ 2.051	+ 1.631	+ 1.125	+ 784	+ 629

no mês de Abril de 1943

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8	4.962	5.081	2.651	2.575	1.769	1.354
, , 9 > 15	4.268	4.607	2.319	2.430	1.489	1.805
, , 16 > 22	4.806	4.822	2.451	2.383	1.536	1.289
, , 23 > 30	5.067	5.564	2.633	2.736	1.753	1.424
Total	19.103	20.074	10.054	10.124	6.547	5.372
Total do mês anterior	18.760	19.484	9.982	10.005	7.501	6.363
Diferenças	+ 343	+ 590	+ 72	+ 119	- 954	- 991



Educação Física e Desportos

As actividades físicas dos Jogos Olímpicos antigos

Pelo Sr. Alberto da Silva Viana, Chefe de Secção da Divisão da Via e Obras



o segundo dia da festa olímpica, o dealbar da aurora deixava antever o espectáculo impressionante de enormes formigueiros humanos encaminhando-se para o Estádio da Olímpia monumental.

Todos procuravam instalar-se o mais cedo possível, para poderem assistir ao momento solene em que se fazia a apresentação dos



Corredores gregos. Pintura de um vaso antigo. Os desenhos e gravuras estampados nos variados objectos da bela época grega que chegaram até aos nossos dias têm permitido o estudo e apreciação dos exercícios físicos praticados pelos helenos.

atletas. Magistrados, juízes, e toda uma hierarquia sacerdotal envergando seus trajes de festa e ostentando suas insígnias de autoridade, abriam o vistoso cortejo, com o qual os atletas, de corpos esbeltos e esculturais, penetravam no recinto dos jogos. Era a altura em que o sol rombia, imprimindo a este ceremonial um brilho esplendoroso, de feérica magia e de encanto inesquecível.

O bulício colossal de 40.000 espectadores cessava de repente e a multidão verdadeiramente emocionada guardava um profundo silêncio, característico da solenidade do momento.

Terminado o desfile, iniciavam-se os exercícios atléticos que no primeiro dia estavam reservados às crianças e adolescentes. Só no dia seguinte se realizavam as provas destinadas aos adultos.



Uma jovem corredora. Linhas proporcionadas, leveza e elegância de atitude que bem revelam o grau de desenvolvimento alcançado pela educação física feminina entre os gregos.

* * *

As actividades físicas principiavam pela *corrida*, exercício favorito dos gregos, que compreendia três modalidades: corrida a pé, a cavalo ou em carros.

A corrida a pé, conforme as distâncias a percorrer, tinha a seguinte classificação: de velocidade, resistência e mista. A corrida de



Carro de corridas, puxado por três cavalos. À direita, o pilar de mármore que servia de meta.

velocidade (simples), era feita num percurso de 192 metros, um comprimento da pista do estádio; a de resistência, dôze vezes a volta do estádio, isto é, 4.614 metros; a mista, duas vezes o estádio em todo o comprimento e volta ao ponto de partida, ou fôssem 768 metros.

As corridas a cavalo eram feitas sobre um ou dois cavalos montados em pélo. Na de dois, o cavaleiro montava um cavalo com o outro ao lado e no fim de cada volta, mudava de cavalo sem diminuir a marcha.

Os carros de corrida tinham duas rodas e eram puxados por dois, quatro, seis ou oito cavalos. Destas corridas participavam os nobres que dispunham de carros luxuosíssimos incrustados de pedras e metais preciosos.

As corridas destinadas a mulheres, eram de três categorias: primeiro, realizava-se a das jovens; a seguir, a das adultas; e por último, a das casadas. As corredoras empunhavam fachos de fogo e tinham que alcançar a meta em primeiro lugar sem que o facho se apagasse. Entre as corredoras, ficou célebre Atalanta.

* * *

Os *saltos* constituiam igualmente prova

importante dos jogos. Dividiam-se em simples e cubistas.

Os *saltos simples* executavam-se com a ajuda de alteres em forma de argolas que os atletas seguravam nas mãos e que se destinavam a facilitar o impulso do corpo, de modo que alcançassem maior altura ou distância.

Os *saltos cubistas* eram dados sobre uma bolsa grande, cheia de ar e untada de azeite, sobre o qual o concorrente devia dar volta a todo o estádio. Estes saltos estavam vedados aos nobres, por serem considerados próprios de saltimbancos.

* * *

Os *lançamentos do disco e do dardo* ocupavam também lugar de destaque.

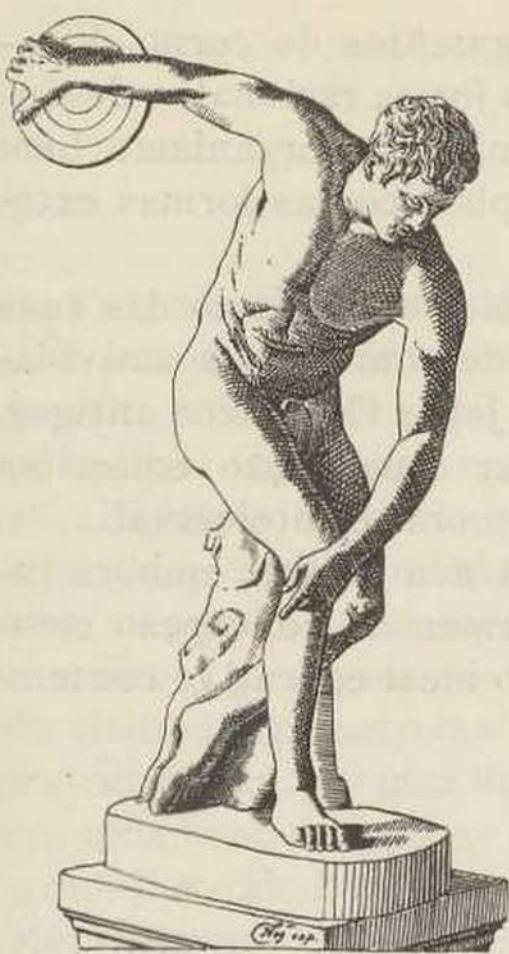
Aos lançadores de disco chamavam *discobolos*. Estes tinham que arremessar um disco de metal, do tamanho de um prato vulgar e com o peso de 1 a 4 quilogramas, do cimo de uma plataforma. Antes da prova, o atleta untava o disco de azeite e esfregava-o na terra, para que não escorregasse da mão ao lançá-lo. Como nas corridas, os discó-



Atleta executando um salto com alteres.

bolos praticavam o exercício em estado de nudez.

O lançamento do dardo consistia em arremessar à maior distância possível uma vara roliça que variava entre 2,5 a 3 metros de comprimento e de peso variável. Havia ainda o lançamento do dardo curto, visando um alvo determinado. Esta última prova tinha feição essencialmente militar.



Discóbolo de Miron. Estátua simbólica do alto valor da escultura grega. A elegância, a expressão de vigor e de energia, transparecem admiravelmente num conjunto de perfeita beleza arquitectónica.

o adversário três vezes seguidas era proclamado vencedor; na outra, os contendores lutavam deitados no solo, até que um se declarasse vencido.

O *pugilato*, precursor do boxe moderno, era considerado como o menos nobre dos jogos olímpicos e estava reservado à gente do povo. Praticado sem luvas, destinava-se a desenvolver em alto grau a coragem, tenacidade ou resistência à fadiga, as atitudes rápidas de defesa e o desprezo pelas sensações dolorosas. Havia, porém, outra modalidade, em que os atletas guarneciam as mãos e os ante-bracos de tiras de couro entrelaçadas, com bolas de chumbo e anilhas de sola, cujos golpes terríveis deixavam muitas vezes os correntes de tal forma mutilados que

* * *

As lutas eram exercícios que permitiam ao atleta pôr em acção todos os recursos da sua força física, da sua agilidade e destreza. Compreendiam: *lutas corporais*, *pugilato* e *pancrácio*.

Nas *lutas corporais* havia duas modalidades distintas: numa, os lutadores mantinham-se de pé e o que conseguisse derrubar

saíam irreconhecíveis da arena.

O *pancrácio*, combinação da luta corporal com o *pugilato*, constituía uma prova extremamente bárbara que causava profunda emoção nos espectadores. Os gregos consideravam-no como o *non plus ultra* do atletismo, da arte e da força. Os atletas lutavam com o punho li-

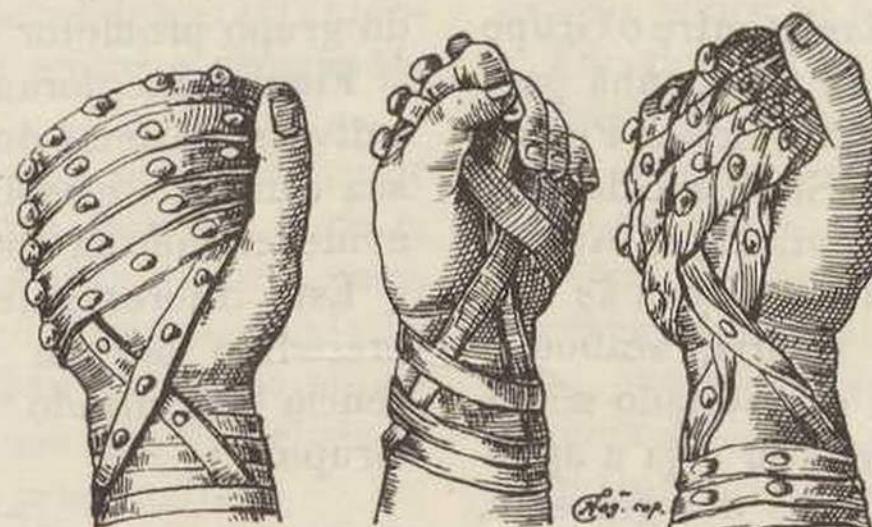
vre, mas se um dos contendores conseguia

derrubar o seu adversário, continuava a peleja no solo, até que mutilado e coberto de

sangue, o vencido implorava misericórdia! (¹)



Lutadores. Outra maravilha da arte grega. Da estátua resalta com nitidez o estado de alma dos adversários: a expressão do vencido é de súplica e raiva, enquanto o vencedor mostra domínio e confiança na vitória.



Punhos dos pugilistas com os respectivos envolvimentos. A dureza dos golpes vibrados com estas armaduras era tal, que muitas vezes provocava a morte do adversário.

O *pentatlo* era o último torneio do Jogos Olímpicos. Compreendia, como o seu nome indica, cinco provas distintas: corrida, luta, salto, lançamento do disco e do dardo. Os gregos davam muita importância a esta competição por ser um índice seguro do perfeito equilíbrio dos recursos físicos dos atletas.

A prova inicial era o salto em comprimento com impulso que constituía uma primeira eliminatória. Os selecionados tinham que se classificar depois no lan-

(¹) Estes requintes de ferocidade apenas se verificaram na fase de decadência dos Jogos Olímpicos e eram sinais evidentes da corrupção moral dos costumes.

çamento do dardo, após o que participavam na corrida a pé simples (velocidade). Os quatro concorrentes mais classificados eram os únicos admitidos ao lançamento do disco. Por último, os dois primeiros triunfadores do disco, disputavam na luta o título de vencedor do pentatlo.

* * *

Pelo conjunto das actividades descritas, verifica-se que os gregos utilizaram os exercícios físicos em múltiplas modalidades, com o fim de fazer beneficiar do movimento

activo todos os segmentos do corpo. Visa-vam, assim, de uma forma racional, o desenvolvimento harmónico do organismo bem como o equilíbrio plástico das formas exteriores.

Mas nem só o físico era objecto das suas preocupações: grande número das actividades praticadas nos Jogos Olímpicos antigos, procuravam realizar uma acção educativa de ordem estética, moral e intelectual.

Existia, assim, já nos gregos, embora intuitivamente, o germen da concepção científica e filosófica do ideal educativo contemporâneo.

Festival desportista

Com numerosa assistência, realizou-se no dia 27 de Junho, um festival promovido pelo Grupo Desportivo dos Ferroviários de Campanhã a propósito do encerramento da sua época desportiva e que decorreu com desusado brilho e entusiasmo.

Segundo o programa o festival começou pela exibição da classe «Juniors» dos ginastas que foi muito ovacionada.

Seguiu-se um jogo de *Basket* entre o Grupo Desportivo da C. P. e o de Campanhã para disputa da «Taça Engenheiro Sousa Pires», gentilmente oferecida pelo Sindicato do Pessoal do Minho e Douro (Movimento). Apesar dos esforços despendidos por ambas as turmas para alcançarem a vitória, acabou o tempo regulamentar com o resultado 26-26.

A 3.^a parte do programa, ou seja a apresentação da classe «seniores» dos ginastas, registou a interessante nota da marcha ser feita à cadência de uma linda canção: «Aqui é Portugal!»

Sempre com intervalos mínimos, que eram preenchidos por música, disputou-se em seguida a «Taça António Pinto Júnior» num jogo de *Hand-Ball* entre o Porto Andebol Clube e o Grupo Desportivo dos Ferroviários de Campanhã. Venceram estes últimos por 6-4, motivo pelo que o referido troféu, oferecido pelo Sindicato do Pessoal de Oficinas, foi entregue solenemente ao capitão do grupo promotor do festival.

Finalmente, foram distribuídas medalhas a diversos atletas do «Ferroviário» que, pela sua correção e espírito desportista, mais se evidenciaram na época de 1942/43.

Este interessante festival desportivo foi precedido de um espectáculo de beneficência organizado pelo Corpo Cénico do Grupo.

No próximo número publicaremos algumas fotografias desta festa.

EM VIAGEM...

O Mata Gatos

Não, não venho contar a história de certo engajador de Castendo ou de Manguarde, conhecido em toda a Beira Alta pelo Mata Gatos e que, até ao comêço d'este século, havia expedido para o Brasil muitas centenas, senão milhares, de emigrantes, nem nenhuma anedota algum rapazola estouvado a perseguir com um cacete os gatos da vizinhança, mas o caso de um homem bom, transformado, por uma implacável fatalidade, em assassino de pobres e inocentes felinos, o que lhe valeu, no seu bairro, a alcunha de Mata Gatos.

Caía a noite. O combóio de Évora rolava na charneca e eu, lido o *Diário de Lisboa*, deito um olhar pelo compartimento, onde além do meu velho amigo Teixeira, havia mais quatro passageiros: um homem de óculos, fisionomia agradável, mas que ia visivelmente contrariado com a conversa dos outros três passageiros, caçadores que, como é natural, contavam alegremente as suas façanhas venatórias e antegosavam o jantar que os esperava na locanda da Tia Miquelina, onde pernoitariam, para na manhã seguinte irem às perdizes.

Um cão felpudo, estendido aos pés dos caçadores parecia interessar o passageiro dos óculos que não cessava de o acariciar, com o fim evidente de lhe conquistar a simpatia.

No Poceirão os caçadores desceram ruidosamente dando as boas noites e desejando-nos boa viagem.

O nosso homem, depois de se despedir afectuosamente do rafeiro, fechou a porta e, num alívio, disse que tinha horror à caça, divertimento bárbaro e impróprio da civilização; todavia tal desporto era menos odioso do que a pesca à linha em que os peixes se debatiam numa lenta e cruel agonia.

Como, porém, o amigo Teixeira galhofasse dos seus sentimentos altruistas, que, certamente, não o levavam a rejeitar uma perdiz

recheada ou uma truta em molho de vilão, logo o homem dos óculos acudiu que, para se gosar o prazer da mesa, não era necessário abater as aves e os peixes traiçoeira e cruelmente. Ele tinha até menos apego ao sofrimento humano que ao dos animais, aos quais faltava a inteligência para se defenderem. Jâmais em sua casa se matou uma galinha — quando se compravam na praça, tinham que vir já mortas e depenadas — nem houve pássaros engaiolados e até uma ocasião — com que sorriso consolado contou este episódio da sua vida! — deu liberdade, no Alentejo, a um perdigão que o caçador deixara numa gaiola e em cima duma fraga para atrair as perdizes.

— Você, recordou Teixeira, até duma vez, na Calçada da Carriche meteu um ombro a uma carroça de hortaliça para aliviar os animais...

— É verdade. O macho e o burrito que lhe dava sota não podiam mais, e eu, em vez de ameaçar o carroceiro com a Sociedade Protectora dos Animais, como outros fariam, ajudei a carroça até o cima da calçada, 20 metros aliás, não mais.

Felicitei-o pelo seu altruismo, mas não deixei de aludir ao prazer e à alegria dos três caçadores, àquela hora abancados à mesa da Tia Miquelina diante da sopa alentejana fumegante e das perdizes aloirando no espôto, sobre as brasas de azinho.

Em Bombel o nosso homem apeou-se e Guedes Teixeira, ao vê-lo afastar-se, concluiu que era bem um discípulo de S. Francisco de Assis.

Anos depois, tornei a encontrar-me no combóio do Alentejo com Guedes Teixeira e, ao passarmos em Bombel, lembrei aquèle homem de óculos redondos, preguntando-lhe se o tinha visto. Sim, via-o com freqüência, mas, ai dêle, já não era o discípulo de S. Francisco de Assis, mas o Mata Gatos.

— O quê?

— Já lhe disse, o Mata Gatos. Nome porque era agora conhecido em Benfica e no Campo Grande.

Não podia ser! Como é que um homem bom, com sentimentos humanitários tão bem definidos, tinha agora uma alcunha de facinora.

— Pois é como lhe digo. O anjo quebrou as asas. E Mateus Isidoro passa agora a vida a matar gatos. O seu quintal é um cemitério. Eu lhe conto.

Aqui há anos, certamente depois de nos havermos encontrado com ele, levando, numa tarde de domingo, a família a passear pela Azinhada da Fonte, viram um ciclista apear-se e tirar da algibeira do casaco um gatinho que pousou na sargeta e, tornando a montar, com duas pedaladas desapareceu numa curva da estrada.

As filhitas do Isidoro, uma de 13 outra de 14 anos, acorreram logo e o bichano foi objecto de palavras caridasas e de compadecida assistência.

— Coitadinho! Tão bonito! Miserável abandonar assim aquele gatinho que não tinha feito mal a ninguém. Na verdade era um animal digno de estimação. Todo preto, olhar muito vivo, gostou logo das meninas; saltou-lhes para o colo e comeu, sem cerimónia, da merenda que lhe deram.

O papá e a mamã, com afectuosa ternura gabaram os nobres sentimentos que as filhas tinham no coração e o bichano foi adoptado por unanimidade, apesar de em casa haver já dois gatos: um, gordo e anafado que gastava a sua preguiça estendido ao sol numa almofada e outro, o Tupinambá, que tinha herdado da Tia Gertrudes.

Meses depois descobriu-se que o gato era afinal uma gata e que em breve seria mãe. Grande alegria em casa e os gatinhos, todos muito bonitos, foram distribuídos pela vizinhança e pelos amigos. Três meses depois nova ninhada e seis meses passados a gatinha da Azinhaga da Fonte, era mãe pela terceira vez. Como já ninguém queria gatos, foi um terror em casa. Que fazer? Recorreu-se ao anúncio no *Diário de Notícias* e ao escrito

na janela, mas a família Isidoro viu-se e desejou-se para pôr com dono a gataria. O diabo da gata tinha qualidades reprodutivas dignas de registo e, pontualmente, todos os três meses, uma nova ninhada de gatinhos miava afadigada no sótão de Mateus Isidoro.

Não sabendo que fazer à sua vida e à dos gatos, Mateus Isidoro, decidiu-se a suprimir os importunos locatários do seu sótão, à nascença, e assim que os sentia miar chamava a desavergonhada, dava-lhe sopas de leite e enquanto ela se regalava, ele subia ao sótão, metia os inocentes numa meia velha e mergulhava tudo no tanque de lavar a roupa. Meia hora depois ia por eles e fazia-lhes o enterro no quintal, numa cova previamente aberta. A vizinha do lado apercebeu-se facilmente daquela triste tarefa e, nuns dares e tomates que um dia teve com o Isidoro, chamou-o, diante de quem quis ouvir, de Mata Gatos e de assassino, pois quem mata friamente um inocente gatinho era capaz de matar um homem. E não ficou por aqui, por que contou o caso na mercearia, ao homem do talho, à mulher do peixe, que, a todo o bairro e, desde esse dia, aquele santo discípulo de S. Francisco de Assis passou a ser o Mata Gatos.

— Aqui tem, disse eu, uma história a que se podia chamar a «Queda de um Anjo».

— Diga o que V. quiser, mas Mateus Isidoro já não é o mesmo. A vida para ele tornou-se um fardo terrível desde o dia fatal em que as filhas tomaram um gatinho preto à beira da estrada.

— Mas, por que não corta ele o mal pela raiz, suprimindo de vez a gata.

— Isso já eu lhe disse. Mas ele desculpa-se que é uma infeliz e ele mais infeliz ainda em a ter metido em casa.

Quando me apeei em Évora, lembrei ao amigo Teixeira, que aconselhasse o pobre Mateus Isidoro a levar aquela fêmea sem vergonha à Azinhada da Fonte e abandoná-la onde a haviam encontrado. Talvez o ciclista cheio de remorsos a viesse buscar. Há rebates de consciência bastante mais longos.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

P. n.º 801 — Peço o favor de me informar se a taxa abaixo discriminada está bem:

Um vagão de 3 pisos com 318 carneiros, de Rio Tinto a Bragança, (só no M. D. — 136 Km.).

O transporte é feito em pequena velocidade e a carga e descarga são efectuadas pelos donos.

Tabela 4.....	508\$20
Sêlo	25\$67
Evoluçãoes e manobras.....	39\$60
Registo e assistência	\$70
Transmissão	22\$00
Adicional de 10 %.....	59\$62
Adicional de 5 %.....	32\$79
78 cabeças excedentes (por T. Geral) ..	111\$54
Adicional de 10 %.....	11\$16
Arredondamento.....	\$02
	<hr/>
	811\$30

Fica mais barato pela Tarifa Geral, pelo excesso.

R. — A taxa apresentada pelo consulente está errada. Indico a seguir como corresponde:

136 Km. — Tabela 4

Preço: 15\$40 × 11 × 4 (a).....	677\$60
Sêlo (5,05 %).....	34\$22
Evoluçãoes e manobras 1\$20 × 11 × 3 (a)	39\$60
Trasbordo 2\$00 × 11	22\$00
Registo	\$55
Impôsto de assistência.....	\$15
	<hr/>
Adicional de 10 %.....	77\$12
Adicional de 5 %.....	42\$58
Arredondamento.....	\$03
	<hr/>
Desinfecção 10\$00 × 3	30\$00
Total	924\$15

(a) A taxa é processada por 4 pisos por resultar assim preço de transporte mais económico e as evoluções e manobras são estabelecidas em relação à quantidade dos pisos que o vagão tem efectivamente.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Públ. A. n.º 786 — 48.º Aditamento ao Aviso

ao Públ. A. n.º 605 — Anuncia o encerramento do Despacho Central de Abrantes.

Aviso ao Públ. A. n.º 787 — 49.º Aditamento ao Aviso ao Públ. A. n.º 605 — Anuncia a inauguração do serviço combinado para o transporte de mercadorias entre a estação de Barca de Amieira e o Despacho Central de Envendos.

Aviso ao Públ. A. n.º 788 — Estabelece que as distâncias de aplicação nesta Companhia, a considerar no serviço combinado com o Vale do Vouga, por via Espinho, passam a ser as correspondentes à estação de Espinho (C. P.).

27.º Aditamento à Tarifa Geral — Substitui a redacção dos Artigos 53.º, 76.º, 77.º e 79.º desta Tarifa.

16.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias — Altera o § 1.º do Art.º 11.º desta Tarifa, referente às taxas a aplicar aos encerados alugados.

Aditamento n.º 83 à Classificação Geral de Mercadorias — Altera o tratamento tarifário atribuído a diversas rubricas.

Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V., de 29 de Maio de 1943 — Suspende a 6.ª das Condições particulares do § 2.º do Capítulo III desta Tarifa, aplicável ao transporte de jaulas vazias de condução de gado bravo.

31.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Regula o transporte de mercadorias, em veículos de tracção animal, entre a estação de Barca de Amieira e o Despacho Central de Envendos.

II — Fiscalização e Estatística

Carta-Impressa n.º 346 — Recomenda ao pessoal das estações que proceda com rigor ao apuramento do peso das remessas a expedir, visto ser freqüente as estações de destino, ao repesarem as mercadorias, verificarem diferenças para menos em relação ao peso indicado pelas estações de procedência.

Carta-Impressa n.º 347 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados durante o mês de Abril de 1943 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 348 — Dá instruções sobre o procedimento a seguir pelas estações quanto ao fornecimento de bilhetes requisitados pelas Câmaras Municipais, por ocasião das Comemorações do «Dia do Império», a realizar em Lisboa no dia 28 de Maio de 1943.

A nossa casa

Um problema social feminino

A escolha da profissão

MARIA é, agora, uma rapariga. Acabaram-se os exames, os prémios, as alegres brincadeiras da escola! Mais tarde, muito mais tarde, ela lastimaré este bom tempo. Neste instante, a jovem sente-se livre e orgulhosa, e também um pouco ansiosa diante da vida que se desvenda.

Pois é preciso escolher. Inúmeras carreiras são, de há pouco tempo, acessíveis à mulher... o que não quere dizer — acessíveis a tôdas as mulheres. Razões não menos numerosas se opõem à escolha espontânea que a rapariga poderia fazer. Necessário se torna procurar o meio-termo entre as tendências, as aptidões e as possibilidades.

Primeira consideração peremptória: a saúde. Nada tão desconcertante como escolher uma profissão na qual o preparo e a actividade ultrapassem as fôrças da criança. Entretanto, êste é o êrro mais freqüente, o que mais faz povoar os preventórios e os sanatórios.

O número de anemias, de perturbações nervosas, de tuberculoses provindas da *surménage*, é, segundo a opinião médica, incomensurável. E retornaria praticamente, quâsi a zero, se a rapariga fôsse examinada seriamente, e, de qualquer forma, submetida à experiência, antes de se comprometer na estrada perigosa. Uma radiografia feita a tempo, basta muitas vezes para desvendar uma doença ainda em período de incubação; a ciência médica dispõe, actualmente, de meios inúmeros para medir tôdas as capacidades físicas de um indivíduo.

O estado da vista e do ouvido, deve ser verificado com o mesmo cuidado que o dos músculos e dos órgãos. É necessário estabelecer um *veredictum* minucioso.

Segunda consideração: a vocação. Na nossa opinião, só se faz bem feito o que se faz com prazer, com amor. É preciso, pois, que

nos esforcemos em fazer a criança seguir a carreira que lhe agrada, mesmo se esta acarreta dificuldades ou despesas bastante consideráveis.

Quâsi nunca há motivos para arrependimento. Vencendo e sendo feliz, nossa filha nos recompensa centuplicadamente, dos sacrifícios que por ela suportámos. Por outro lado, em muitas profissões, as bolsas-prémio, as recompensas e os auxílios oficiais sob qualquer aspecto, vêm em socorro das melhores trabalhadoras para que acabem os seus estudos ou a sua aprendizagem. Da mesma forma que a família, o Estado tem o máximo interesse em encorajar as belas vocações em todos os sectores de actividade.

Terceira consideração: a oportunidade.

Entendemos por isto, o perfeito sentido prático que deve influenciar a escolha da rapariga para aquilo que se lhe oferece de mais fácil e de mais razoável. Muitos pais preferem guardar, perto dêles, a filha, no mesmo trabalho, quer seja comércio ou outra qualquer coisa; freqüentemente é a filha que se desvia, incapaz pela inexperiência da juventude, de compreender o verdadeiro motivo dêste proceder de seus pais. Menos constantemente, mas ainda assim algumas vezes, são os pais que querem educar sua filha acima do seu nível, do seu meio, da sua profissão, numa ambição muito louvável... que obscurece para êles, o valor da menina.

Por todos êstes motivos, o mais prudente é submetermos o caso a julgamento de terceiro e ir consultar (depois do médico) pessoa especialmente esclarecida em questões de «orientação profissional».

Existem verdadeiras especialistas na matéria. Pais e filhos têm tôda a vantagem em levar a questão até êste tribunal, necessariamente imparcial, que é assim capaz de os aconselhar e documentar. Mesmo que fôsse apenas para evitar o desolador: «Ah! que se eu tivesse sabido!...» das pessoas mal informadas.

A casa de banho

... também merece um tapete, mas tem que ser um tapete que se possa molhar sem correr o risco de ficar estragado.

Para esse fim, nada melhor e mais apropriado do que o modelo feito de crochê com trama ou algodão «mercé» de diversas côres e que também tem a vantagem de se fazer rapidamente e de não ser muito despendioso, visto que para um tapete com um metro de comprimento por 45 centímetros



de largura são suficientes 450 gr. de fio. Para a sua confecção foram escolhidas cinco côres, mas se fôr feito apenas com duas, essa alteração em nada prejudica o seu bonito aspecto. O ponto empregado é apenas «meia malha» e deve ser executado com uma agulha bastante mais fina do que a trama, para que o ponto fique apertado, dando portanto mais consistência ao tapete, evitando que ele se enrole.

Começa-se o tapete fazendo, na côr escolhida para o fundo, 95 malhas de cordão, que depois se trabalham da seguinte maneira:

Principia-se por oito meias malhas, a se-

guir saltam-se duas malhas de cordão (diminuições); depois, oito meias malhas nas oito malhas seguintes, e na nona malha faz-se — 1 malha, 1 malha no ar, 1 malha (aumentos), e assim sucessivamente até o fim da carreira, portanto, até o fim do cordão. As seis carreiras seguintes trabalham-se de idêntica maneira, tendo o cuidado de que diminuições e aumentos fiquem sempre colocados uns por cima dos outros. Na sétima carreira trabalha-se o primeiro bico na mesma côr, mas, ao começar o segundo bico, mete-se já a outra côr e trabalham-se os três bicos do meio, voltando novamente a fazer o quinto e último bico na côr do primeiro. Cada bico de côr leva três carreiras e são separados uns dos outros por seis carreiras da côr escolhida para o fundo, devendo o tapete acabar pela côr com que principiou.

É conveniente contar, de vez em quando as malhas, para se terem sempre 95 e, portanto, o tapete ficar sempre na mesma largura, porque senão o trabalho, além de não ficar perfeito, não tem bonito aspecto.

O tapete pode ter qualquer tamanho; basta aumentar ou diminuir o número dos bicos, tanto no sentido da largura como no do comprimento.

O tapete é rematado, fazendo-se de cada lado e no sentido do comprimento, duas ou três carreiras de meias malhas, para se obter maior solidez. Com os restos da lã, mete-se em cada malha um franja. Para esta franja cortam-se os fios, todos no mesmo tamanho — o que se faz facilmente dobrando o algodão num cartão no tamanho de que se quer a franja e cortando todos os fios ao mesmo tempo; juntam-se duas ou três pontas, dobram-se ao meio e com uma agulha de «crochet» metem-se em cada malha do tapete, puxando-se todas ao mesmo tempo e metendo as pontas dentro da laçada, que depois se aperta, ficando assim o nó formado.

Depois da franja toda metida, acerta-se, cortando-a com uma tesoura muito bem afiada, para o corte ficar perfeito.

Personal

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE SERVIÇO



Armando Verão
Inspector de Contabilidade
Nomeado Aspirante em 22 de Junho
de 1903.



Martiniano Pereira
Contramestre Principal
Admitido como Servente em 26 de
Julho de 1903.



Graciano Marques de Jesus
Chefe de Maquinistas na via fluvial
Admitido como Aprendiz em 27 de
Julho de 1903.



João Maria Madeira
Chefe de Brigada
Admitido como Aprendiz em 20 de
Julho de 1903.



Jalme Augusto Etur
Empregado Principal
Admitido no quadro como Carregador em 22 de Dezembro de 1903.



Guilherme Fernandes
Capataz Principal
Readmitido como Agulheiro, depois
de pedido de demissão, em 21 de
Julho de 1903.



Joaquim Alves
Capataz Principal
Admitido como Carregador em 15 de
Junho de 1903.



Carlos Duarte Ferreira
Continuo de 1.ª classe
Admitido como Servente provisório
na extinta Direcção do Sul e Sueste
em 29 de Abril de 1903.

Actos dignos de louvor

Pelo condutor de carruagens da Revisão de Lisboa, Guilherme Ribeiro da Fonseca, foi encontrada, no dia 12 de Fevereiro findo, numa carruagem do comboio n.º 3 desse dia, uma carteira de senhora contendo, além de outros valores, uma caneta de tinta permanente e dinheiro.

Do achado fez entrega aos seus superiores, motivo por que foi elogiado.

Foram gratificados, pela maneira valiosa e dedicada como trabalharam na extinção de um incêndio

ocorrido num vagão do comboio n.º 2531, os seguintes agentes: Vicente Runa, Chefe de distrito; Manuel Cordeiro, Sub-chefe de distrito; Óscar Quira Barragon, Assentador, e Manuel Azevedo Ribeiro, Auxiliar.

Nomeações

EXPLORAÇÃO

Em Abril

Empregado de 3.ª classe: Ilídio Pinto de Miranda.

Em Maio

Porteiros: António dos Santos Carvalho e João José Martins.

Carregadores: João Mendes Raimundo, Manuel Luís Vieira, Plínio dos Santos Gil, António Moreira dos Arcos, Alípio Geraldo Lopes, Jofre de Oliveira, Bernardino Marques, Arlindo Gonçalves Ferreira, Serafim Pereira de Miranda, Armando Marques dos Santos, Francisco Monteiro da Mota, Roberto Ribeiro Teixeira, Carlos Mendes, Oliveiro dos Santos, David Monteiro de Oliveira, Artur José Alves, Amílcar Marques, Manuel Pinheiro, Augusto da Silva Araújo, José Cerqueira, António Cardoso Mendes, João Fernando Moreira, António Belo, António Luís, Miguel Pinto, António Barbosa e Joaquim da Silva Martins.

Servente: Manuel Rodrigues.

VIA E OBRAS

Em Maio

Chefe de brigada: Alfredo Dias de Carvalho.

Assentadores: Júlio Soares e António Jacinto Capitão Borralho.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Em Abril

Para:

Carregador: o Engatador, António Albino.

Servente de dormitório de trens: o Carregador, Manuel Palha Ruivo.

Promoções

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Em Janeiro

Chefe de repartição: Vasco da Penha Coutinho.

Sub-chefe de repartição: Manuel Ramos da Cunha.

Chefe de secção: Luiz António Andrade Gil.

Empregadas de 1.ª classe: Etelvina Laura Coutinho Sá Chaves e Maria Irene Simões Faria Lopes.

Empregadas de 2.ª classe: Maria Antónia Alves e Clarinda Adelaide Nobre Bonvalot.

Chefe do Pessoal Menor: Joaquim Pereira Farinha.

Continuos de 2.ª classe: Francisco Marinho, João Pinto e Tiago Marques.

Distribuidores de Materiais de 1.ª classe: Pompeu Coelho e António Nunes Alves.

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Janeiro

Empregado de 2.ª classe: Pelágio José Ramos.

EXPLORAÇÃO

Em Maio

Capataz de 2.ª classe: Serafim Ferreira.

Akulheiros principais: Ismael Pinto Leal, António Ribeiro Moreira o Agostinho Dias.

Akulheiros de 1.ª classe: Manuel Rodrigues, Joaquim Alberto Monteiro, Joaquim Pinto da Silva Magalhães, António Alves Ferreira, Joaquim Gomes da Silva e Manuel Policarpo.

Akulheiros de 2.ª classe: Alfredo da Graça, José Coelho Gonçalves, Manuel da Rocha Pinto, Cândido Vieira, Norberto Pereira de Sousa, José Pinto Marques, Mário António Gonçalves, Manuel da Silva, Francisco Vieira e José da Cruz.

Akulheiro de 3.ª classe: Crescêncio Martins Ramos, Joaquim da Silva Araújo, Lino Ferreira da Cruz e António da Luz Arez.

Transferências

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Em Maio

José Moreira Nunes, Servente: transferido da Divisão do Material e Tracção.

Reformas

DIRECÇÃO GERAL

Em Abril

Victor Jorge Cartuxo, Fiel de Armazém de 1.ª classe.

EXPLORAÇÃO

Em Maio

José Justo Estradas, Conferente, de Faro.

António Martins, Agulheiro de 2.ª classe, de Alcantarilha.

José Dias da Cruz, Agulheiro de 2.ª classe, de Trofa.

João Adãis, Guarda, de Lisboa P.

José Albano, Carregador, de Lisboa P.

Francisco Fernandes, Carregador, de Aveiro.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Maio

José dos Santos Neves, Fogueiro de Máquinas Fixas.

António Francisco Gil, Revisor de 3.^a classe.
José Ricardo, Acendedor.

VIA E OBRAS

Em Maio

Manuel dos Santos, Chefe do distrito 284, Alcácer do Sal.

António Rodrigues, Sub-chefe do distrito 64, Souzelas.

Maria Antónia, Guarda de P. N. do distrito 236, Albufeira.

Falecimentos



Faleceu há pouco na situação de Reformado, o antigo Chefe da 1.^a Circunscrição da Exploração, Sr. José António Rodrigues, que nos muitos anos de serviço na Companhia foi um exemplo de zelo e de trabalho. Deixou em todos os seus antigos superiores, colegas e subordinados as maiores saudades.

EXPLORAÇÃO

Em Abril

† *José António Salgado*, Porteiro, de Campanhã.
Admitido como Carregador eventual em 2 de Abril

de 1918, foi nomeado Carregador efectivo em 1 de Julho de 1927 e Porteiro em 21 de Janeiro de 1939.

Em Maio

† *António Almeida Pinto*, Chefe de 2.^a classe, de Amadora.

Admitido como Praticante de factor em 20 de Maio de 1916, foi nomeado Aspirante em 1 de Janeiro de 1917, promovido a Factor de 3.^a classe em 1 de Julho de 1919.

Depois de transitar por várias categorias foi finalmente promovido a Chefe de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1941.

† *José Madureira Machado*, Factor de 2.^a classe, de Régua.

Admitido como Praticante de factor em 1 de Setembro de 1925, foi nomeado Factor de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1930 e promovido a Factor de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1941.

† *Mário da Costa Roxo*, Fiel de 2.^a classe, de Entroncamento.

Nomeado Carregador em 1 de Junho de 1919, passou a Revisor de 3.^a classe em 1 de Março de 1921 e a Fiel de 2.^a classe em 1 de Julho de 1924.

MATERIAL E TRACÇÃO

Em Maio

† *Manuel António de Oliveira*, Fogueiro de 2.^a classe na Via Fluvial.

Admitido ao serviço em 22 de Junho de 1925, como Limpador eventual, ingressou no quadro em 1 de Novembro de 1942 com a mesma categoria e foi promovido a Fogueiro de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1943.



† *António Almeida Pinto*
Chefe de estação de 2.^a classe

† *Mário da Costa Roxo*
Fiel de 2.^a classe

† *Manuel António de Oliveira*
Fogueiro de 2.^a classe

† *José António Salgado*
Porteiro

4 — Quanto cabe a cada um?

Certa vez, no Entroncamento,
descansavam das fadigas,
três condutores de espavento,
fartos de grandes espingas.

Só faltam, para seis mil,
duzentos e vinte e cinco;
dizia assim o Gentil
ao seu colega Travinco.

Do que eu fiz só fez o Braz
setenta e quatro centésimas;
Diz o Braz: isso não faz
o Travinco só em décimas.

Acede o Travinco e diz:
não fiz mais porque não quiz;
só faltou meia p'ra três.
Foi apenas o que eu fiz
daquilo que o Braz já fez.

Esta conversa sem curso,
que parece não ter jeito,
versava sobre o percurso
que cada um tinha feito.

Caro leitor, n'este ardil,
só há quilómetros, bem vês;
mas repara: aqueles mil
são, no conjunto, dos três.
Diz-nos lá, sem êrro algum,
quanto cabe a cada um?

Apocopadas⁽¹⁾ (Silabas: 3-2).

5 — Parente com pé de meia é *achega* de mão cheia.

6 — Galinha de *visinha* rica, se muito canta, muito *abica*.

7 — A *entrada* no paraíso não se *alcança* sem juizo.

8 — Só passeia na *avenida* quem *leva* boa vida.

9 — A *aproximação* do mal é *bastante* para afugentar o bem.

10 — Ainda que a verdade esteja *próxima* é sempre a mentira que *vem* adeante.

11 — A sorte não está ao *alcance* de todos; o que menos a procura mais depressa a *alcança*.

12 — Sorte: *Acesso* de loucura que *consegue* dar juizo a muita gente.

13 — Só a *vinda*, de novo, do Messias ao Mundo, *consegue* acabar com este caos imundo.

(¹) *Apócope* é a supressão de uma letra ou silaba no fim da palavra. Filia-se, pois, nesta figura gramatical, a charada «*apocopada*». Para o nosso caso, a supressão é sempre silábica, isto é, o sinônimo do primeiro conceito perde a silaba final e dá-lhos logo o sinônimo do segundo conceito.

Ex.: Coisa querida, quanto mais se deseja mais se *estima* 3-2.

Solução: Amada (sinônimo do 1.º conc.)

Ama (sinônimo do 2.º conc.)

Tabela de preços dos Armazens de Viveres, durante o mês de Julho de 1943

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional B. kg.	3\$00	Farinha de trigo kg.	2\$30	Ovos dúz.	Variável
» Corrente A. A. »	2\$70	Feijão amarelo lit.	3\$00	Presunto kg.	24\$00
» Gigante de 2.º »	3\$00	Feijão branco miúdo »	3\$10	Queijo do Alentejo »	21\$00
Açúcar de 4.º »	4\$50	» " apatalado .. »	3\$20	Queijo da serra »	21\$00
» 2.º »	4\$35	» frade lit. 2\$50 e	2\$70	» tipo flamengo.... »	20\$00
Azeite extra lit.	7\$60	» manteiga lit.	3\$10	Sabão amêndoа »	1\$80
» fino »	7\$30	» patareco »	2\$90	» offenbach..... »	3\$40
» consumo »	6\$80	» avinhado »	3\$00	Sal lit.	\$40
Bacalhau Inglês kg. variável		» S. Catarina »	3\$10	Sêmea kg.	1\$00
» Nacional »		» vermelho »	3\$00	Toucinho..... »	11\$20
Batata »		Lenha kg.	1\$35	Vinagre lit.	2\$30
Carvão de sôbro »	5\$85	Manteiga »	22\$50	Vinho branco »	2\$50
Cebolas » variável		Massas kg. 4\$30 a	7\$55	Vinho tinto..... »	2\$50
Chouriço de carne »	22\$00	Milho lit.	1\$35		

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto.

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atoalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Viveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário.

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números desse Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prêmios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).